

Projeto da UnB explora bacia do São Bartolomeu

CORREIO BRAZILENSE

29 ABR 1988

PAOLA ANTONY



Professor Miranda explica proposta do projeto Arbofilia

Explorar de maneira eficiente e duradoura o potencial hídrico da bacia do São Bartolomeu, a partir da participação de segmentos sociais — em especial o indivíduo local —, como principal agente de transformação do meio. Está é a proposta básica do projeto Arbofilia, da Universidade de Brasília, apresentado esta semana a representantes de órgãos governamentais, ligados à problemática ambientalista para captação e aproveitamento dos recursos hidrográficos disponíveis. De acordo com o pro-

grama, dentro de no máximo oito anos, o plano integrado de captação estará efetivado e será o primeiro em aplicação em toda a América Latina.

Segundo o professor Wellington Miranda, coordenador do Núcleo de Estudos Agrários do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam) da Universidade de Brasília, autor do projeto Arbofilia, é preciso antes de mais nada neutralizar os fatores que têm impedido o sucesso das propostas desenvolvidas no País. Na sua opinião, o que se propõe hoje a nível de exploração hídrica é muito vulnerável, tanto estrutural quanto metodologicamente.

Pelo projeto Arbofilia — que envolveria numa fase inicial técnicos e estudantes do Departamento de Engenharia Florestal da própria UnB — deverão participar profissionais das mais diversas áreas, desde sociólogos, agrônomos e botânicos até pro-

fessores de Educação Física.

A primeira fase do programa, pelo que explica o professor, já está operacionalmente pronta para ser posta em prática. “O que falta é apenas a concessão de 18 bolsas de estudos solicitadas ao CNPq para treinamento de estudantes que serão deslocados para a microbacia do Taquara, onde terá início o projeto-piloto”, explica.

Em apenas seis meses, Wellington Miranda garante que estará feito o diagnóstico da real situação na região de Taquara, a partir do qual se desenvolverá a fase preliminar do projeto Arbofilia. Há cerca de cinco anos, técnicos da Embrapa e Emater vêm trabalhando na região, orientando agricultores locais e implementando métodos superficiais, na opinião do professor, como bacias de retenção. Numa fase posterior, outras pequenas 20 bacias que compõem a do Rio São Bartolomeu seriam in-

cluídas no projeto, mas somente após a conclusão da experiência em Taquara. Caso haja participação das instituições governamentais, no próximo mês de julho será possível dar início às atividades “in loco”.

Integração — O pesquisador ressalta o fato de que a integração, independente da metodologia operacional do projeto Arbofilia, é a chave para o sucesso da proposta. Ele lembra que o Plano Nacional de Microbacias Hidrográficas (PNMH), do Governo Federal, através do Ministério da Agricul-

tura, também necessita de uma revisão para se tornar mais eficaz, no que diz respeito a resultados. Elaborado em 1987, pelo decreto 94.076 de 5 de março, o PNMH propôs o planejamento e a ocupação do espaço rural diretamente ligados ao aumento da produção e produtividade agrícola, com elevação dos níveis de renda e melhoria das condições de vida da população local.

Além de órgãos como Sema-tec, Embrapa, Emater, Caesb, Administração de Planaltina — o córrego do Taquara situa-se na RA VI, a 60 quilômetros do Plano Piloto, pertencente à satélite —, Fundação Educacional do DF, Hospitalar etc, o projeto Arbofilia prevê ainda a participação do Itamarati, Banco do Brasil e Ibama, e instituições internacionais, a exemplo da OEA, Unicef, FAO, PNUD e Unesco. Para sensibilizar as entidades, o professor lembra o início da fase de “peregrinação”.